

## A VERVE SHAKESPERIANA EM TRADUÇÃO: O DESAFIO DOS TROCADILHOS

**Aluno: Rodrigo Neves de Carvalho**

**Orientador: Marcia A. P. Martins**

Dentre as características mais marcantes de William Shakespeare, destaca-se a sua linguagem pela riqueza e criatividade, inclusive no que se refere à utilização de recursos retóricos, como jogos de palavras, cuja modalidade mais comum é o trocadilho. Visto que o estudo desses recursos já represente um desafio na própria língua de Shakespeare, diante das mudanças sofridas pela língua inglesa ao longo de sua evolução, pode-se imaginar que esse desafio se torne ainda maior no contexto tradutório, quando é preciso encontrar equivalentes na língua de chegada que recriem ou reproduzam o recurso retórico, sob pena de descaracterizar o estilo shakespeariano.

A pesquisa objetivou determinar: (i) o tratamento dado aos trocadilhos por diferentes traduções brasileiras da mesma peça feitas a partir de um texto-fonte integral em língua inglesa e publicadas sob forma de livro; (ii) o efeito global obtido em cada peça pela escolha de estratégias tradutórias para esses recursos retóricos; (iii) as estratégias empregadas com maior frequência pelo conjunto de tradutores e o efeito disso na(s) image(ns) de Shakespeare construída(s) no sistema cultural brasileiro pelos tradutores e traduções analisados.

Trocadilhos são jogos de palavras que exploram identidades formais e diferenças semânticas. A relação de identidade formal pode ser de quatro tipos: *homonímia* (pronúncia e grafia idênticas), *homofonia* (pronúncia idêntica e grafia diferente), *homografia* (pronúncia diferente e grafia idêntica) e *paronímia* (diferença ligeira tanto na pronúncia quanto na grafia). Os trocadilhos que exploram a semelhança fônica e gráfica de vocábulos decorrem de dois tipos de relação: de *ambigüidade*, em que a palavra ou expressão aparece uma única vez, embora passível de duplo (às vezes, triplo ou quádruplo) sentido, e de *contigüidade*, em que a palavra ou expressão aparece mais de uma vez, em cada uma delas enfatizando-se uma acepção diferente ou uma mudança na classe da palavra. Algumas vezes, a palavra também pode ser repetida visando um duplo, triplo ou mesmo quádruplo sentido em uma ocorrência, e um sentido unívoco na seguinte.

Valemo-nos aqui das proposições teóricas dos estudiosos contemporâneos Dirk Delabastita e M. Mahood a respeito da natureza e do papel dos trocadilhos na obra de Shakespeare, e também de glossários especializados. O *corpus* selecionado para análise constituiu-se de: (1) duas edições em inglês de cada uma das três peças escolhidas, a saber, *The Taming of the Shrew*, *The Comedy of Errors*, *Twelfth Night, or What You Will*; (2) as traduções brasileiras publicadas e disponíveis dessas mesmas obras, em um total de cinco para a primeira peça mencionada (por Carlos Alberto Nunes, Cunha Medeiros/Oscar Mendes, Newton Belleza, Millôr Fernandes e Barbara Heliadora), quatro para a segunda (por C. A. Nunes, Cunha Medeiros/Oscar Mendes, Barbara Heliadora e Beatriz Viégas-Faria) e novamente cinco para a terceira (por C. A. Nunes, Cunha Medeiros/Oscar Mendes, Barbara Heliadora, Sergio Flaksman e Beatriz Viégas-Faria).

O estudo foi realizado em três etapas: (i) identificação dos trocadilhos no texto original; (ii) localização das soluções tradutórias nos textos brasileiros; e (iii) categorização e análise das escolhas feitas pelos tradutores. Para efeito da análise, os trocadilhos foram subdivididos em duas categorias: (a) trocadilhos propriamente ditos, criados propositalmente a partir de semelhanças formais ou sonoras entre duas palavras de sentidos diferentes, e (b)

impropriedades, que decorrem da troca de uma palavra por outra corrompida e/ou inexistente, criando-se um efeito cômico.

Para a análise das soluções tradutórias foi utilizado o quadro de estratégias passíveis de serem empregadas pelos tradutores ao lidar com trocadilhos, desenvolvido para o estudo sobre *O mercador de Veneza* realizado por Marcia A. P. Martins e publicado na coletânea *Visões e identidades brasileiras de Shakespeare* (Rio de Janeiro: Lucerna, 2004). São elas: *recriação* (o trocadilho identificado na língua fonte, ou LF, gera um outro trocadilho na língua meta, ou LM, embora não equivalente ao original em termos de estrutura formal, estrutura semântica ou função textual); *reprodução* (o trocadilho é reproduzido na língua meta, mantendo-se inclusive o mesmo campo semântico dos vocábulos); *substituição* (o trocadilho é substituído por algum recurso retórico afim – como repetição, aliteração, rima, ironia ou paradoxo –, com o objetivo de obter uma equivalência de efeito); *compensação* (o tradutor introduz um trocadilho no TM em passagens nas quais o TF não apresenta tais recursos); *explicitação* (o trocadilho propriamente dito desaparece e em seu lugar há o desdobramento do duplo sentido); *neutralização* (o trocadilho identificado no TF é traduzido por estruturas que não criam o mesmo efeito retórico, embora possam tanto explicitar os dois sentidos da palavra, como manter apenas um dos sentidos da mesma) e *omissão* (o termo ou o trecho onde se encontra o trocadilho identificado no TF é suprimido). As quatro primeiras mantêm o efeito retórico na tradução, enquanto que as duas últimas o apagam. Já a explicitação introduz uma espécie de glosa intratextual, que busca preservar os dois (ou mais) sentidos contemplados, embora sem obter equivalência estilística.

Em *The Taming of the Shrew* foram identificadas 176 ocorrências de trocadilhos e 12 impropriedades, em *The comedy of errors*, respectivamente 144 e 1, e em *Twelfth Night*, apenas 33 trocadilhos e 4 impropriedades.

A análise das diferentes traduções das três peças revelou que: (i) *The Taming of the Shrew* foi a peça em que houve maior homogeneidade em termos do tratamento dos trocadilhos por parte dos tradutores. Considerando as cinco traduções analisadas, as estratégias de neutralização, omissão e explicitação, que eliminam o trocadilho ou a impropriedade (e que, por isso, poderiam ser denominadas estratégias de *apagamento*), foram, em média, quase duas vezes e meia mais frequentes do que as de recriação, reprodução, substituição e compensação, que mantêm algum recurso estilístico (e, por isso, poderiam ser denominadas estratégias de *manutenção*). A tradução que registrou o maior número de estratégias de manutenção (63) e o menor das de apagamento (125) foi a de Barbara Heliadora, sendo o pólo oposto ocupado pela de Cunha Medeiros/Oscar Mendes; (ii) em *The Comedy of Errors* já não há tanta homogeneidade entre as traduções publicadas – quatro, no total. A de Beatriz Viégas-Faria é a que mais emprega estratégias de manutenção (56) e registra o menor número das de apagamento (89), enquanto os demais tradutores recorrem bem mais a essas últimas, como é o caso de C. A. Nunes, com 29 ocorrências de manutenção e 116 de apagamento; (iii) em *Twelfth Night*, talvez devido ao número bem mais reduzido de trocadilhos e seu caráter mais pontual, na medida em que não se observam as longas seqüências de jogos de palavras brincando com diferentes sentidos ou homofonias de um mesmo vocábulo, como ocorre nas outras duas obras, houve muito mais equilíbrio na proporção de estratégias de apagamento e de manutenção observadas nas cinco traduções disponíveis. Enquanto Barbara Heliadora e Beatriz Viégas-Faria recorreram igualmente a 17 soluções de manutenção e a 20 de apagamento, na tradução de Sergio Flaksman chegou a ocorrer um fato inédito – as soluções de manutenção (20) superaram as de apagamento (17). Os co-tradutores Cunha Medeiros e Oscar Mendes, com traduções para as três peças analisadas, consistentemente foram os que mais recorreram a soluções de apagamento e menos a soluções de manutenção.